



Após conquistar estratégica cidade ucraniana, Rússia anuncia mais ofensivas fora dos fronts de batalha. Entre as medidas, está o corte no fornecimento de gás à Finlândia, que, dois dias antes, havia anunciado a intenção de se integrar à Otan

Mira para o Ocidente

Um dia depois de assumir o controle da estratégica cidade de Mariupol, no sudeste ucraniano, Moscou intensificou as investidas contra países do Ocidente. Em menos de 24 horas, cortou o fornecimento de gás natural para a Finlândia, divulgou uma lista com o nome de 963 personalidades americanas proibidas de entrarem em solo russo e anunciou a destruição de um grande carregamento de armas ocidentais no noroeste da Ucrânia.

Em nota sobre a lista dos impedidos de desembarcar na Rússia, o Ministério das Relações Exteriores argumentou que “as contrassanções são necessárias e têm por objeto obrigar o poder americano, que tenta impor uma ordem mundial neocolonial para o resto do planeta, a mudar sua posição e reconhecer novas realidades geopolíticas”.

Moscou já havia anunciado a retaliação contra muitos dos incluídos na lista, como o presidente Joe Biden, seu secretário de Estado, Antony Blinken, e o chefe do Pentágono, Lloyd Austin. A maioria dos nomes é de funcionários do governo e congressistas, mas há escolhas curiosas, como a do ator Morgan Freeman. Ele é acusado pela diplomacia russa de ter gravado, em 2017, um vídeo no qual afirmava que o país estava realizando um “complot” contra os EUA.

Também ontem, a Casa Branca anunciou que foi sancionada uma lei que destina US\$ 40 bilhões para garantir o fornecimento de armas e apoio humanitário e financeiro à Ucrânia. A ajuda, que será canalizada nos próximos cinco meses, inclui, por exemplo, um orçamento de US\$ 6 bilhões para Kiev se equipar com veículos blindados e defesa antiaérea. Biden assinou o texto, aprovado pelo Congresso, durante sua visita à Coreia do Sul, onde também se dedicou a questões militares.

A ajuda dos Estados Unidos se soma à da União Europeia e à do G7, o grupo dos países mais industrializados do planeta, que,

Mais exercícios na península

EUA e Coreia do Sul pretendem intensificar os exercícios militares na península coreana e “arredores”. A medida foi anunciada após uma reunião, em Seul, entre os líderes das duas nações. Joe Biden e Yoon Suk-yeol afirmaram que, “em vista da evolução da ameaça que a Coreia do Norte representa”, concordaram em “estabelecer discussões visando a ampliar o alcance e a escala dos exercícios e treinamentos militares”. Eles também expressaram “preocupação” com o surto de covid-19 enfrentado pelos norte-coreanos e se disseram “dispostos a fornecer assistência” a Pyongyang. Biden disse que ofereceu vacinas ao país, mas não obteve resposta.

na última sexta-feira, prometeu US\$ 19,8 bilhões para manter de pé as finanças ucranianas. Há, no entanto, o desafio de levar esse reforço para a linha de frente do combate, considerando que áreas estratégicas do país têm sido tomadas pelas forças russas.

Ontem, o Ministério russo da Defesa anunciou ter destruído um grande carregamento de armas ocidentais no noroeste da Ucrânia usando mísseis de longo alcance. Os artefatos estavam “perto da estação ferroviária de Malin, na região de Zhytomyr (...) e seriam destinados às forças ucranianas estacionadas no Donbass”, informa a nota. A região é parcialmente controlada por separatistas pró-russos desde 2014 e, agora, palco de intensos combates.

Segundo especialistas, a conquista de Mariupol na sexta-feira foi crucial para a criação de um corredor terrestre entre Donbass

AFP



A estatal finlandesa Gasum confirmou a retaliação: país passará a receber gás natural de um gasoduto vindo da Estônia

e a península da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014. Em entrevista a um canal de televisão ucraniano, o presidente do país, Volodymyr Zelensky, assegurou que a guerra “será sangrenta, haverá combates, mas terminará, com certeza, por meio da diplomacia”.

Suprimentos

Mantendo a escalada de tensão com a Europa, Moscou interrompeu ontem o fornecimento de gás para a Finlândia — o envio de suprimentos já havia sido suspenso para Polônia e Bulgária. O corte foi confirmado pela estatal do país nórdico Gasum, que informou, em nota, que o abastecimento passará a ser feito pelo gasoduto Balticconnector, que conecta Estônia e Finlândia.

O Kremlin tem advertido que tomará a medida caso os países não paguem pelo gás em rublos,

o que, segundo a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, viola regras da União Europeia. A terceira sanção foi anunciada dois dias depois de Finlândia e Suécia, dois países com histórico de não alinhamento militar, solicitarem a adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

O ingresso, porém, depende da aceitação unânime dos membros da aliança atlântica, e a Turquia se opõe ao pedido, justificando que os dois países são santuários do PKK, organização considerada terrorista por Ancara, pelos EUA e pela União Europeia. Ontem, o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, conversou, pela primeira vez, sobre as candidaturas com a chefe de governo sueca, Magdalena Andersson, o presidente finlandês, Sauli Niinistö, e o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg.

Reprodução/Shamshad TV



Jornalistas desafiam talibãs

Descumprindo a ordem dos talibãs, as apresentadoras das principais redes de televisão afegãs trabalharam, ontem, sem cobrir o rosto. No início do mês, foi emitida uma ordem segundo a qual as mulheres devem se cobrir completamente em público, usando, de preferência, a burca tradicional. As apresentadoras tinham que cumprir a regra até ontem, mas as jornalistas de canais como TOLOnews, Shamshad TV (foto) e 1TV foram ao ar sem se esconder. Um porta-voz do talibã disse que os “responsáveis” pelas mulheres serão comunicados.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

COM HENRIQUE DELGADO

NEGATIVO E POSITIVO EM 2023

O mundo não mudou muito nestes últimos dias e continua com seus problemas concentrados em três polos e focos do desalinhamento geral. A Ásia, com a desaceleração da China em função das medidas de combate à covid, provocando realinhamento estratégico das cadeias produtivas; a Europa, com a guerra particular de Putin, desorganizando as relações políticas internacionais; e os EUA, com o FED, seu Banco Central, reagindo ao processo inflacionário no país com repercussões mundiais inesperadas.

A China mantém sua política sanitária de covid zero. O governo decidiu manter sua ação de combate por bloqueio de cidades, agora com o claro objetivo de não sobrecarregar o sistema de saúde em um país de mais de 1 bilhão de habitantes. O problema é que a variante ômicron é mais insidiosa e conseguiu “burlar” o programa impondo mais tempo de confinamento. O resultado tem sido um impacto maior na economia, com

fortes reflexos nos níveis de atividade que incorporam mais mão-de-obra, como construção civil, contribuindo para o desemprego, que ameaça a estabilidade social interna.

Vale lembrar que os efeitos do programa de tolerância zero apenas anteciparam vários problemas que o gigante asiático vem enfrentando em virtude dos processos de maior controle da economia e das grandes empresas. Ao atingir setores fabris mais tradicionais e substituir por alta tecnologia, o governo limita o maior fator gerador de crescimento da economia das últimas décadas, quando o país se constituiu numa espécie de entreposto do comércio global.

A China, cujo poder econômico não corresponde ao poder diplomático, parece ter perdido o controle da parceria tradicional sino-americana “você me dá seu produto que eu te dou meu capital”, que a fez, inteligentemente, a segunda economia do mundo e redireciona seu processo

de desenvolvimento em um péssimo momento da crise sanitária que continua a castigar o país.

A invasão da Ucrânia pela Rússia produziu uma reação imediata de hostilidade fantasiosa de Putin, saudoso do império soviético que já se foi. As sanções do Ocidente impuseram um custo elevado à economia russa, mas o país vem se adaptando a elas, ainda que a um nível mais baixo e paralisante. As opções, agora, ao reforçar essas sanções, são gerar o contra-ataque russo, partindo para quebrar contratos de petróleo e gás, o que pode prejudicar os países da Europa mais dependentes desses produtos. Por outro lado, o aumento de auxílio à Ucrânia em armamentos busca aumentar o isolamento do governo Putin.

Para os países em desenvolvimento já são observados problemas graves em alimentos e fertilizantes, gerando consequências sociais terríveis,

em especial no mundo subdesenvolvido, que sente a fome ameaçar a vida dos mais pobres.

Nos EUA, embora não se possa falar de recessão, há cada vez mais clareza sobre o componente da inflação por conta dos estímulos fiscais e monetários. O FED continua “tímido” e ainda não fez o ajuste necessário, mas analistas e mercados parecem pouco preocupados com as consequências. No cada um por si que começa a predominar, os juros de mercado sinalizam que os agentes econômicos estão se antecipando com um ajuste mais significativo, colocando de sobreaviso a sociedade para o aperto geral que se anuncia.

Em tal confusão de parâmetros e desarmonia, duas forças antagônicas se manifestam no mercado das commodities, tão importantes para países como o Brasil. Se por um lado a invasão russa joga o preço para cima, por outro a desaceleração global puxa o preço para baixo. O processo de substituição dos níveis e da qualidade do consumo por parte da população já é um fenômeno mundial e pode produzir uma desaceleração

atingindo a economia como um todo.

A inflação alta no Brasil arma a bomba fiscal quando gera um superávit “ilusório”, aumenta a arrecadação artificialmente, suficiente para liberar o governo para gastar mais com eleitores, deixando para o ano que vem o panorama fiscal cobrar seu preço.

Todavia, há uma contradição que pode nos favorecer e suspender a perda do interesse estratégico pela América Latina por parte do grande capital. Em virtude do rearranjo das cadeias globais do comércio mundial, temos tudo para ser receptor de FDI, Investimento Direto Estrangeiro, monopolizado nas últimas décadas pela Ásia, especialmente China, conforme livro de Henrique Delgado, O Papel do FDI, Mudança Econômica por meio da Integração Econômica Internacional: o caso Brasil e China.

2023 vem aí como um enigma. Se teremos um ano de provimento e prosperidade ou se o mundo continuará sua luta exagerada e sem juízo por distinção e prerrogativa.

PAULO DELGADO, sociólogo